

TRAGÉDIA NA VENEZUELA

Em entrevista ao **Correio**, Bruna Zacarias, de 26 anos, pede respeito ao luto e deseja que a mãe, Vanessa, seja lembrada por seu amor e sua generosidade. Terremotos também mataram o pastor Romildo Batista de Lima, morador de Uberlândia

O drama de familiares das vítimas brasileiras

» GIOVANNA KUNZ
» RODRIGO CRAVEIRO

A filha da brasileira Vanessa Zacarias da Silva, de 44 anos, vítima dos terremotos que atingiram a Venezuela na última quarta-feira, decidiu falar sobre a morte da mãe. Em entrevista exclusiva ao **Correio**, Bruna Zacarias, 26 anos, afirmou que aceitou conceder o depoimento para preservar a memória de Vanessa e fazer um apelo para que a família possa viver o luto em paz, sem novas exposições.

Moradora do Gama, no Distrito Federal, Vanessa tinha se mudado para Caracas cerca de dois meses atrás para viver com o companheiro, com quem mantinha um relacionamento havia mais de 12 anos. Ela morreu após ser atingida durante o desabamento parcial da residência onde estava no momento dos tremores.

Segundo Bruna, a dor da perda é impossível de medir. No entanto, ela externou o desejo de que a mãe seja lembrada pela pessoa que foi durante a vida. “Minha

mãe foi uma mulher sensacional. Nunca deixou ninguém na mão, sempre ajudou todo mundo. Ela tinha muita gente que a amava”, conta. A filha de Vanessa também agradeceu pelas inúmeras manifestações de carinho recebidas desde a confirmação da morte. “Recebemos muitas mensagens de carinho e agradecemos por todas elas”, disse.

Bruna explicou que decidiu romper o silêncio para que a mãe fosse retratada com respeito. “Eu quero que a memória da minha mãe, já que saiu em todos os lugares, seja publicada da forma que merece.” Ela também fez questão de reconhecer o apoio prestado pela Embaixada do Brasil em Caracas durante todo o processo. “A Embaixada do Brasil na Venezuela foi essencial para nos ajudar”, destacou.

De acordo com Bruna, todas as providências necessárias foram tomadas pela família diante da situação. “O problema está resolvido. A família tomou as providências cabíveis diante do que era viável ser feito”, esclareceu. Neste momento, o principal

Arquivo Pessoal



Vanessa Zacarias da Silva, 44 anos, morava há dois meses em Caracas

pedido é para que a família possa viver o luto com tranquilidade. “A gente quer viver o nosso luto, agora, em paz”, desabafou.

Para Bruna, o que deve permanecer é a lembrança da mulher que marcou a vida de quem esteve ao seu lado. “Ela foi muito amada pelos irmãos, pelas sobrinhas, pela mãe e por mim. A gente ama muito ela e vai sentir muita falta, todos os dias.”

Passeio trágico

Natural de Chapada de Minas (MG), o pastor Romildo Batista de Lima, 69 anos, é a segunda vítima brasileira dos terremotos de

quarta-feira. Ao **Correio**, Jhulya Lima, 23, sobrinha de Romildo, contou que o tio morava em Uberlândia. “Ele viajou a Caracas com a esposa, Carlha Nacarid León, que é venezuelana, para visitar os pais dela. Também foram comemorar o aniversário dele, em 21 de junho passado”, disse. Ela explicou que uma tia soube pela televisão do terremoto e tentou entrar em contato com Romildo. “A Carlha ligou para nós e confirmou que a área onde estavam foi afetada. Ela relatou que ambos estavam no hospital, mas que não tinha notícias do meu tio, porque foram para locais diferentes do estabelecimento. Na madrugada, Carlha

Jhulya Lima



Romildo, 69, viajou com a esposa para celebrar o próprio aniversário

recebeu a notícia de que meu tio havia morrido”, comentou Jhulya.

A sobrinha denunciou um “descaso” muito grande do Itamaraty. “Eles não nos ajudaram em nada. Quem está nos auxiliando é o pessoal da embaixada do Brasil em Caracas. Com relação ao custo para trazer o meu tio, tentamos ver se o Itamaraty conseguia arcar com esse valor, mas não houve retorno. Estamos organizando uma vaquinha para ajudar a bancar esse custo”, declarou Jhulya. Ela fala com carinho do tio. “Era uma pessoa muito boa. Amava viajar e conhecer o mundo todo. Era pastor, mas não atuava em uma igreja. Apesar disso, levava a palavra

de Deus para onde ia, era uma pessoa muito amorosa. Para ele, não tinha tempo ruim. Brincava e fazia piada.”

Consultado pelo **Correio**, o Itamaraty informou que, por intermédio de sua embaixada em Caracas, “acompanha a situação da comunidade brasileira na Venezuela desde o primeiro momento após os terremotos, prestando a assistência consular devida a todos os brasileiros que a solicitaram, nos termos da legislação vigente”. “O diálogo com as famílias e o atendimento nos casos de óbito ocorrem em estrita consonância com a referida normativa consular”, assegurou o Ministério das Relações Exteriores.

MUDANÇA CLIMÁTICA

Emil Nicolai Helms/Ritzau Scanpix/AFP



Dinamarqueses se refrescam na Prala Amager: 36,6 graus Celsius

Onda de calor avança ao Leste Europeu

Grande parte da Europa enfrentou um sábado sufocante, com recordes de temperatura na Alemanha e na Dinamarca, em meio a uma onda de calor que deixou dezenas de mortos e coloca os sistemas de saúde à prova.

O calor extremo que durante a semana atingiu a França, o sul da Inglaterra, a Espanha e a Itália está se deslocando para o nordeste do continente, mas o alerta máximo continua em vigor na Alemanha, Áustria, Hungria e Suíça.

Pelo menos 193 milhões de habitantes na Europa, entre eles 75 milhões na Alemanha, enfrentaram temperaturas superiores a 35°C em algum momento, ontem, de acordo com cálculos da agência France-Presse — o número é bem superior às previsões anteriores.

Dezenas de pessoas morreram nos últimos 10 dias, tanto por doenças relacionadas ao calor quanto por acidentes de afogamento, e os serviços de emergência de vários países afirmam que suas instalações estão sobrecarregadas.

Na França, “observamos um número de mortes superior ao normal”, declarou a ministra da Saúde, Stéphanie Rist. O país registrou 74 mortes por afogamento desde 18 de junho, tanto em lagoas, rios e córregos, quanto em piscinas particulares, anunciou, por sua vez, o ministro do Interior, Laurent Nuñez.

O calor levou ao cancelamento de festas de rua e festivais de música na França, na Alemanha e nos Países Baixos, embora a Marcha do Orgulho LGBTQIAPN+ tenha sido

realizada em Budapeste, capital da Hungria, apesar dos alertas.

Até mesmo a Semana de Moda Masculina de Paris, que termina hoje, foi afetada por uma polêmica em torno de uma gigantesca onda artificial apresentada no desfile da Louis Vuitton. Diversos internautas denunciaram o desperdício de água. A LVMH, proprietária da Louis Vuitton, garantiu, porém, que a água será “reintroduzida na rede de saneamento”.

“Noites tropicais”

Especialistas afirmam que uma “cúpula de calor”, formada por uma massa de ar vinda do norte da África, está provocando essas condições extremas e que, embora o fenômeno em si não seja inédito, as

temperaturas registradas são. A Dinamarca registrou 37°C, algo sem precedentes desde o início das medições meteorológicas, em 1874. A República Tcheca enfrentou seu recorde absoluto de temperatura: 40,6°C. A Alemanha bateu uma nova marca, com 41,5°C. A Suíça, por sua vez, superou pelo terceiro dia consecutivo o recorde do dia mais quente registrado em junho, com 39°C na cidade de Basileia.

“O que é especialmente difícil para as pessoas é que à noite não refresca. Muitas regiões da Alemanha voltarão a ter noites tropicais”, informou o serviço meteorológico alemão (DWD). Qualquer recurso tem servido para combater o calor: refugiar-se em uma igreja, procurar abrigo em lojas de produtos congelados ou sentar-se ao lado de fontes.

Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

HINOS NACIONAIS: SIMULACRO DE GUERRAS

Fazer um ranking dos 48 hinos da Copa é um passatempo típico daquele que se tornou o principal momento do ano da grande maioria das pessoas em vários países do mundo. Ocasão para lembrar dos países esquecidos e prestar a atenção nos muitos lembrados. Traz lições sobre como o futebol civiliza paixões que, soltas, viram pólvora.

Há algo muito inglês na troca autodepreciativa que abre um dos comentários mais lidos desta Copa. Escrevendo para o 'The Athletic', o braço esportivo do influente 'The New York Times', um jornalista de Londres resolveu ranquear os 48 hinos do Mundial e, com toda a pompa de um juiz imparcial, coroou o pior de todos: o da própria Inglaterra. 'God Save the King', sentenciou, é uma ladainha cerimoniosa sobre "um senhor de idade".

Rir do próprio símbolo nacional diante do mundo é esporte que poucos povos praticam com tanto gosto. A autodepreciação é o patriotismo dos que se sentem

seguros de si. Mas, por baixo da galhofa, aquela lista de hinos é um curioso ensaio de política internacional. Com bandas de instrumentos múltiplos e fileiras de jogadores desafinados, a Copa coloca as nações lado a lado e cada um canta quem pensa que é.

É um dos raríssimos momentos da tolice mundial atual em que a maioria das pessoas compara países para além dos (pre)conceitos enraizados, reparando em lugares pouco lembrados, como Curaçao e Cabo Verde, e descobrindo versos centrários. O hino é a forma mais concentrada desse exercício de identidade nacional destilada.

Foi exatamente esse caldo que assustou George Orwell. Em textos seus de 1945 e 1946, Orwell cravou a frase que virou clichê porque é certa: o esporte competitivo "é a guerra menos os tiros". Para Orwell, as competições esportivas internacionais não acalmariam as rivalidades, mas sim as inflamariam. Seriam guerras

miméticas, combustível de vaidade e rancor, "mais um efeito das causas que produziram o nacionalismo".

Lembrando o que se passa em muitas arquibancadas: "O nacionalista não só não desaprova as atrocidades cometidas pelo seu próprio lado, como tem uma notável capacidade de sequer ouvir falar delas".

É o torcedor que não enxerga o penalti do seu time e trabalha com dois pesos e duas medidas sobre tudo que se passa. Os hinos carregam esse DNA: a França canta que "um sangue impuro" deve regar seus campos; a Colômbia fala de uma terra "encharcada do sangue de heróis"; a Tunísia avisa que "não há lugar para traidores".

E, no entanto, há a outra metade da história, uma que Orwell, no calor de quem viveu as atrocidades da primeira metade dos anos 1940, talvez não pudesse antever. Depois da Segunda Guerra, boas cabeças passaram a pensar as competições esportivas internacionais como um canal

alternativo: um lugar onde o instinto primitivo de confronto entre o "nós" e o "eles" pudesse ser projetado e descarregado sem que ninguém morresse.

Daniel Druckman, estudioso de gestão de conflitos, diz que patriotismo e lealdade de grupo, mostra, pela psicologia social, que essas lealdades não são um defeito a ser extirpado: são necessidades profundas, que sempre buscarão expressão. Como a política não consegue aboli-las, o jogador pode escoá-las em um estádio.

Os próprios hinos apontam para a busca da pacificação através do foco em outras disputas menos sangrentas. O Marrocos ganhou a letra do seu hino por causa do futebol, escrita às pressas após a classificação para a Copa de 1970, anos depois da independência. A Espanha aboliu a letra em 1978, três anos após a morte do ditador Franco, e até hoje não consegue combinar o que cantar, preferindo o silêncio à briga sobre o passado. A Bósnia também canta sem palavras, porque palavras poderiam reabrir feridas étnicas. Por outro lado, a África do Sul costura cinco idiomas num

só hino, tornando o esforço de reconciliação algo audível. A Alemanha, por sua vez, entoa apenas a terceira estrofe, tendo enterrado a primeira, que falava de uma "Alemanha acima de tudo", associada à parte vexatória de sua história. Cada hino é um acordo de paz que um país assinou consigo mesmo.

O Japão, nosso estimado adversário desta segunda, 29/6, canta o 'Kimigayo', a letra mais antiga da Copa. Deriva de um poema de mais de mil anos que deseja ao bom imperador uma duração de "mil, oito mil gerações". Pudico e curtíssimo, ele só se tornou hino oficial por lei em 1999: um país que levou décadas para ressignificar um símbolo outrora associado a ímpetos imperialistas.

Por isso, que o inglês siga zombando esportivamente do próprio hino. E que o Brasil, dono de um hino mais simpático que seus jogadores, dedica a ele apenas a esperança de dribles, desarmes, defesas, passes e gols que um dia fez.

'Aos estimados leitores: a Coluna sai de férias e volta em 9 de agosto'.

PAULO DELGADO, *Sociólogo*